

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

Geovane Eleres Santos

**ENTRE RIO E TERRA:**  
AS AÇÕES ANTROPOGÊNICAS NAS CRÔNICAS DE EXPLORADORES DO SÉCULO  
XVI NA AMAZÔNIA

Belém – PA

2025

Geovane Eleres Santos

**ENTRE RIO E TERRA:**

AS AÇÕES ANTROPOGÊNICA NAS CRÔNICAS DE EXPLORADORES DO SÉCULO  
XVI NA AMAZÔNIA

Trabalho de conclusão de curso na modalidade Artigo Científico, apresentada à Faculdade de História como requisito para obtenção de título de Licenciado em História pela Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Ivan Chambouleyron

Belém – PA

2025

GEOVANE ELERES SANTOS

**ENTRE RIO E TERRA:**

**AS AÇÕES ANTROPOGÊNICAS NAS CRÔNICAS DE EXPLORADORES DO SÉCULO  
XVI NA AMAZÔNIA**

Trabalho de Conclusão de Curso, na modalidade de Artigo Científico, apresentado à Faculdade de História da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Licenciado em História pela Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Ivan Chambouleyron

Belém, 31 de março de 2025.

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Dr. Rafael Ivan Chambouleyron  
Orientador (PPHIST/UFPA)

---

Prof. Dr. Marcos Pereira Magalhães  
Examinador Externo (CCH/MUSEU GOELDI)

## **Agradecimentos**

Em primazia, permito-me expressar minha mais profunda gratidão àquela cuja presença inabalável e dedicação irrestrita foram alicerces fundamentais em toda a minha trajetória acadêmica. Sua incansável devoção manifestou-se nas mais diversas formas de amparo, proporcionando-me não apenas os recursos necessários, mas também o estímulo emocional e intelectual indispensáveis para a concretização deste percurso. Assim, agradeço a minha amada mãe, Vanessa, cuja dedicação e amor incondicional foram a força motriz que impulsionou cada um de meus passos rumo à realização deste empreendimento acadêmico.

Minha imersão nessa temática teve início por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), desenvolvido no renomado Museu Paraense Emílio Goeldi. Foi através dessa primeira incursão investigativa que vislumbrei os fundamentos deste trabalho, cujo embrião se deu nesse projeto inaugural. Nesse contexto, tive a inestimável honra de contar com o apoio irrestrito e a orientação diligente do Dr. Marcos Pereira Magalhães, cuja vasta experiência em pesquisas de campo e valiosa contribuição acadêmica não apenas enriqueceram este estudo, mas também pavimentaram caminhos para investigações futuras. Expresso, portanto, minha mais profunda e sincera gratidão pelo acompanhamento atento e enriquecedor ao longo dessa jornada intelectual.

Expresso minha gratidão a todos que, de alguma forma, contribuíram para a construção deste trabalho, seja por meio de orientações, incentivos ou pelo compartilhamento de conhecimento. Agradeço a todos os professores com compunham minha formação. Agradeço especialmente ao Dr. Prof. Rafael Chambouleyron, cujo direcionamento foi fundamental para o aprimoramento desta pesquisa, proporcionando reflexões que enriqueceram sua elaboração. Da mesma forma, rendo meus sinceros agradecimentos à Ma. Prof. Brenda Cardoso, por sua inestimável atenção e generosidade, acompanhando-me com dedicação desde os primeiros passos do projeto de pesquisa até a concretização deste trabalho.

Por fim, reservo um agradecimento especial aos meus amigos, que foram um alicerce essencial ao longo dessa trajetória, proporcionando-me apoio incondicional e sendo verdadeiros pilares emocionais em cada etapa deste percurso. Aos meus amigos de sala; Nivia Monteiro, que foi minha dupla do começo ao fim, agradeço a minha mãe e amiga Juliane de Miranda, a Thamires Gabriele e seus memes de gatos, a Leonardo Ryon com seus drives organizados, a Yasmin Braga atendendo meus surtos. E expresso minha profunda gratidão a Maria Emmanoelly, amizade cultivada ao longo de uma década, e as minhas amigas da psicologia Adália Lobo e

Paula Cunha. Ao meu amigo Bruno Campos, e a minha amizade de muitos anos com Letícia Coelho. Foi um prazer ter essa jornada com todos vocês.

## **Resumo**

O presente estudo propõe-se a examinar as dinâmicas antropogênicas (e antrópicas) delineadas nas epístolas e relatos de navegação de exploradores europeus que percorreram a vastidão amazônica no século XVI, com ênfase nas narrativas de Diogo Nunes, Gaspar de Carvajal e Francisco de Vázquez. A investigação busca não apenas perscrutar as primeiras interações entre os agentes colonizadores e as sociedades indígenas autóctones, mas também desvelar as reverberações ecológicas e socioculturais advindas desse contato inaugural, inserindo tais fenômenos no escopo mais amplo das transformações desencadeadas pelo processo expansionista europeu. Ao proceder a uma análise acurada das modificações ambientais e das dinâmicas sociopolíticas descritas nesses documentos, este estudo almeja iluminar as concepções europeias acerca da paisagem amazônica, de seus recursos naturais e das cosmovisões dos povos originários, bem como refletir criticamente sobre as implicações epistemológicas e materiais das primeiras investidas coloniais na região. Dessa maneira, a pesquisa não apenas se insere no corpus historiográfico da Amazônia, contribuindo para a compreensão das matrizes estruturais que conformaram sua trajetória, mas também oferece uma perspectiva crítica sobre o papel ativo dos sujeitos atuantes, evidenciando os fundamentos históricos que sustentam a complexa relação entre ocupação humana e natureza.

**Palavras-chave: Amazônia, Antropogênico, Crônicas coloniais**

## **Abstract**

This study aims to examine the anthropogenic (and anthropic) dynamics outlined in the letters and navigation reports of European explorers who traveled the vast Amazon in the sixteenth century, with an emphasis on the narratives of Diogo Nunes, Gaspar de Carvajal and Francisco de Vazquez. The investigation seeks not only to scrutinize the first interactions between colonizing agents and native indigenous societies, but also to reveal the ecological and sociocultural reverberations arising from this initial contact, inserting such phenomena into the broader scope of the transformations triggered by the European expansionist process. By carrying out an accurate analysis of the environmental changes and sociopolitical dynamics described in these documents, this study aims to illuminate European conceptions about the Amazonian landscape, its natural resources and the worldviews of the native peoples, as well as to critically reflect on the epistemological and material implications of the first colonial attacks on the region. In this way, the research not only fits into the historiographical corpus of the Amazon, contributing to the understanding of the structural matrices that shaped its trajectory, but also offers a critical perspective on the active role of the acting subjects, highlighting the historical foundations that support the complex relationship between human occupation and nature.

**Keywords:** Amazon, Anthropogenic, Exploration Chronicles

## Introdução

Dou início a meu texto realizando uma breve reflexão sobre o título principal: "*Entre Rio e Terra*", reflete a dualidade das expedições dos exploradores que desafiaram os limites entre o conhecido e o desconhecido. O rio simboliza o constante movimento fluvial, a incerteza e o caminho para novas descobertas, enquanto a terra representa o desejo de conquista, a ambição e o confronto com territórios e povos indígenas. Nessas expedições, a relação entre água e solo não era apenas geográfica, mas também política e simbólica, marcando o impacto da colonização e a busca incessante por riquezas e poder na vastidão da América do Sul.

A Amazônia constitui uma região de inestimável relevância, caracterizando-se por sua exuberante biodiversidade, complexidade ecossistêmica e pelo vasto patrimônio imaterial associado às práticas e interações dos diversos grupos humanos que nela atuaram ao longo dos séculos<sup>1</sup>, remontando ao Holoceno Inferior. No âmbito das investigações arqueológicas e etnobotânicas, os avanços metodológicos e teóricos alcançados nas primeiras décadas do século XXI possibilitaram a consolidação de hipóteses acerca da influência exercida pelas culturas humanas na conformação e na estruturação da biodiversidade amazônica<sup>2</sup>. Sob a ótica da Ecologia Histórica, a Amazônia é compreendida não apenas como um bioma primordialmente intocado, mas como uma floresta profundamente moldada por processos antrópicos<sup>3</sup> e antropogênicos<sup>4</sup>. Desde as sociedades mais simples de caçadores-coletores até as grandes formações sociopolíticas do período que antecedeu a colonização, os povos indígenas desempenharam um papel central na domesticação de paisagens, na modificação de ecossistemas e na construção de um legado ambiental cujas marcas ainda se fazem perceptíveis (Magalhães, 2016; Balée, 2013).

Essa leitura introdutória que propus será aplicada à exploração dos europeus ao continente americano no século XVI, que marcou um período crucial de interações entre

---

<sup>1</sup> A floresta amazônica contemporânea é o resultado de milênios de ocupação e manejo humano, desmistificando a ideia ocidental de uma natureza intocada e virgem (Magalhães, 2016; Descola, 1999).

<sup>2</sup> faz-se necessário elucidar que, embora a floresta amazônica tenha sido cultivada e manejada por povos indígenas ao longo de mais de dez milênios, ela preserva sua autonomia enquanto entidade dinâmica e autorregulada, responsável por sua própria renovação e perpetuação. A natureza, em sua complexidade intrínseca, revela às sociedades humanas práticas de manejo que, somente em tempos recentes, passaram a ser reconhecidas como sustentáveis, evidenciando a sofisticada interação entre os sistemas ecológicos e os saberes ancestrais (Pardini, 2020).

<sup>3</sup> Refere-se a qualquer modificação no ambiente resultante da presença e atuação humana, englobando tanto transformações involuntárias quanto efeitos colaterais das atividades humanas sobre a paisagem e os ecossistemas.

<sup>4</sup> Diz respeito a alterações no meio ambiente que são diretamente causadas pela ação humana de forma planejada. Nesse viés podemos associar a práticas agrícolas, manejo das florestas e a construção de infraestruturas.

diferentes culturas, ambientes e economias, desencadeando transformações profundas e duradouras. Nesse sentido, este estudo tem por escopo a análise das ações antropogênicas e antrópicas descritas nas crônicas de **Diogo Nunes, Gaspar de Carvajal e Francisco Vázquez**, investigando de que maneira os exploradores europeus do século XVI representaram as transformações do meio amazônico: animais que tinham contato; caça e pesca, confecção de artefatos, criação de animais, fortificações, sem contar a própria interação entre colonizadores e povos indígenas. Propõe-se a problematização das formas pelas quais essas narrativas registraram as primeiras intervenções humanas na paisagem<sup>5</sup> amazônica, seja pela exploração dos recursos naturais, pelo contato com sociedades autóctones ou pela introdução de novas práticas de ocupação territorial.

A análise dessas crônicas evidencia a forma como os europeus interpretaram e representaram tais interações, muitas vezes enquadrando-as sob a ótica da dominação e da conquista, ao passo que as comunidades nativas desenvolveram estratégias de negociação e enfrentamento diante das novas dinâmicas impostas pela presença colonial. A complexidade dessas inter-relações aponta para a necessidade de uma abordagem que transcenda a dicotomia entre natureza e cultura, reconhecendo a Amazônia como um espaço historicamente construído, cujas transformações resultam de longos processos de interconexão entre diferentes agentes, saberes e práticas.

A pesquisa foi conduzida, em um primeiro momento, sob luz da História Cultural, nos moldes delineados por Roger Chartier, priorizando a análise dos discursos e das estratégias de construção simbólica presentes nos relatos cronísticos, de modo a identificar os mecanismos de produção e circulação dessas representações. Ademais, as descrições dos cronistas serão confrontadas com os aportes da arqueologia e da etnografia contemporânea, notadamente os

---

<sup>5</sup> Paisagens são espaços físicos transformados em lugares especiais por meio das atividades diárias, das crenças e dos valores de uma comunidade. As paisagens, nesse contexto, são o cenário onde ocorrem todas as interações sociais e econômicas, sendo construídas para a sobrevivência e o sustento humano. Elas possuem um caráter dinâmico e interconectado, reorganizando-se conforme os mapas cognitivos das gerações sucessivas. Assim, incorporam princípios organizadores fundamentais que orientam as práticas das pessoas e a estruturação das sociedades, funcionando como registros culturais que comunicam informações históricas (Magalhães, 2016, p. 13). Dessa forma, as paisagens não devem ser reduzidas a meros cenários ambientais influenciados pela ação humana, mas compreendidas como produtos da interação entre fatores naturais e culturais, cujas transformações materiais podem carregar distintos significados para diferentes grupos sociais (Fagundes, 2014). As mudanças nas paisagens estão diretamente ligadas às condições dos próprios sujeitos, aos aspectos culturais e sociais, aos rituais, às relações e hierarquias, bem como à organização das construções dentro dos espaços habitacionais. Portanto, é imprescindível considerar tanto os fenômenos naturais, como chuvas, tremores e ventos, quanto as variações sazonais, incluindo períodos de cheia e seca. Na disciplina de História, esse conceito tem sido abordado sob novas perspectivas, alinhando-se ao que é discutido por antropólogos (Vieira, 2006).

A floresta amazônica contemporânea é o resultado de milênios de ocupação e manejo humano, desmistificando a ideia ocidental de uma natureza intocada e virgem (Magalhães, 2016; Descola, 1999).

estudos de Marcos Magalhães e William Balée, que evidenciam o protagonismo indígena na modelagem do ecossistema amazônico. Seguirá respectivamente **A Carta de Diogo Nunes (1538)**, comandada por Alonso de Mercadillo, **Jornada de Canela (1541-1542)**, sob liderança de Gonzalo Pizarro, posteriormente por Francisco de Orellana, e, **Jornada de Omagua e Dourado (1560-1561)**, a priori, no comando de Pedro de Ursúa. Desse modo, busco elucidar a complexidade das intervenções humanas na floresta, desconstruindo a concepção da Amazônia enquanto espaço primordialmente intocado e reafirmando a historicidade das relações entre sociedade e ambiente na região. Por fim, finalizo o texto apresentando as **conclusões** que obtive com a pesquisa.

### **No âmbito das representações**

Aproprio-me da obra *O mundo como representação* de Roger Chartier (1993), na qual oferece um arcabouço teórico fundamental para compreender a forma como as representações são construídas e negociadas dentro de um campo de disputas simbólicas. Suas reflexões permitem examinar as crônicas de Diogo Nunes, Gaspar de Carvajal e Francisco Vázquez, não apenas como registros históricos, mas como dispositivos discursivos que moldam e são moldados por estruturas sociais e políticas. Esses relatos, ao descreverem as interações entre europeus e populações nativas, configuram-se como instâncias de produção de identidades e de hierarquização de espaços e agentes. As descrições de exploração de recursos naturais e de processos de colonização nas crônicas devem ser lidas dentro de um regime de representação que envolve dinâmicas de poder. Esses relatos não apenas refletem as normas e valores das sociedades que os produziram, mas também participam ativamente da formulação de categorias discursivas que legitimam a expansão europeia e a subalternização das populações autóctones. Assim, torna-se essencial problematizar de que maneira essas representações impactam as percepções contemporâneas sobre a relação entre sociedade e meio ambiente, bem como sobre as comunidades indígenas.

O conceito de "representação" conforme proposto por Chartier (1993), revela-se especialmente pertinente nesse contexto. As representações não podem ser reduzidas a expressões individuais; ao contrário, constituem manifestações de experiências compartilhadas e operam como instrumentos de negociação e disputa. No caso das crônicas, percebe-se como as ações antropogênicas estão inseridas em um imaginário que projeta expectativas sobre a natureza e seus habitantes, estabelecendo uma relação de controle. Dessa maneira, Nunes, Carvajal e Vázquez não são apenas testemunhas de seu tempo, mas agentes na produção de discursos coloniais que articulam territorialidade, poder e violência.

Em uma ótica semelhante, Michel de Certeau, em *A Escrita da História* (1983), demonstra que o discurso histórico transcende a mera narração de fatos, configurando-se como um mecanismo de ordenação do real, no qual os eventos são estruturados e hierarquizados conforme referenciais culturais específicos. No âmbito das crônicas coloniais, essa dinâmica se evidencia na forma como os europeus representaram a Amazônia e seus habitantes, convertendo a experiência da alteridade em um relato inteligível dentro das estruturas discursivas ocidentais. Dessa maneira, os cronistas não apenas registravam suas observações, mas as reinscreviam em categorias preestabelecidas que atendiam às demandas da expansão colonial.

A produção discursiva dos exploradores quinhentistas sobre a Amazônia evidencia um processo de construção simbólica no qual a natureza é representada de maneira oscilante entre o paraíso exuberante e o território inóspito e ameaçador. Conforme analisado por Auxiliomar Ugarte (2004) na sua tese de doutorado, essas percepções não se configuram como descrições neutras do ambiente, mas como narrativas estrategicamente moldadas para tornar a floresta inteligível dentro das referências culturais europeias. Diante da impossibilidade de uma apreensão imediata da alteridade natural amazônica, os cronistas recorreram a aproximações metafóricas e a um vocabulário ancorado no imaginário ocidental, conferindo inteligibilidade àquilo que, para seus leitores, seria inicialmente incompreensível.

O caráter pendular dessas representações – ora exaltando a paisagem como um Éden exuberante, ora descrevendo-a como um espaço de degradação e hostilidade – revela-se condicionado por múltiplos fatores. Elementos como as expectativas projetadas sobre a expedição, os desafios enfrentados no percurso, o estado psicológico dos narradores e os desdobramentos das incursões atuam como determinantes na formulação dessas imagens<sup>6</sup>. Esse dinamismo é perceptível na maioria dos relatos da época, com exceção do português Diogo Nunes, cujas descrições adotam um tom deliberadamente enaltecedor, alinhado a seus interesses expansionistas e à sua pretensão de obter legitimidade para empreender a conquista da região (Ugarte, 2004; Neto, 2014).

---

<sup>6</sup> Essas representações vão além das crônicas; as construções cartográficas moldadas segundo os padrões da época refletiam informações obtidas junto aos povos indígenas e exploradores. Por meio de símbolos, indicavam aldeias, trajetos e topônimos, integrando o curso hídrico recém-descoberto. Na terceira fase da cartografia amazônica, essas representações consolidaram a identidade regional, fixando nomes como Amazonas e rio Negro e estabelecendo a configuração sinuosa do curso fluvial (Rabelo, 2020, p. 5). Essa cartografia europeia dos séculos XVI a XVIII revela um constructo simbólico que transcende a mera representação espacial, projetando sobre a Amazônia um imaginário mitificado. A associação do rio ao mito das guerreiras Amazonas, fundamentada nas crônicas de Frei Gaspar de Carvajal, ilustra a instrumentalização do mapa como narrativa de poder. Essas representações, além de orientar territorialmente, reafirmavam a região aos moldes do discurso colonial, onde o exotismo e a dominação espacial convergiam na iconografia cartográfica (Braga, 2025).

### **“A Carta de Diogo Nunes”**

No ano de 1840, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) publicou, na segunda edição de sua revista, um documento intitulado “Carta de Diogo Nunes”, transcrito pelo historiador Francisco Adolfo de Varnhagen (Neto, 2014). Embora a expedição de Francisco de Orellana, datando de 1542, seja amplamente consagrada como a pioneira incursão europeia na Amazônia brasileira a partir dos Andes, registros históricos indicam que tal feito ocorreu anteriormente. Em 1538, percorreu os cursos fluviais dos rios Huallaga e Marañón, adentrando o Alto Amazonas e avançando até as terras que hoje correspondem à região entre Tefé e Coari, no Brasil. Tal expedição, derivada do fracasso da empreitada de Alonso Mercadillo, precedeu em quatro anos a célebre narrativa de frei Gaspar de Carvajal. Posteriormente, essa mesma região seria descrita por cronistas das jornadas de Ursúa e Aguirre (1561), e, ao longo do século XVII, tornar-se-ia território dos povos indígenas Curuzirari ou Aisuari. Esse episódio, frequentemente relegado ao esquecimento, evidencia que a exploração europeia da Amazônia se iniciou antes do que se convencionou acreditar, revelando uma rede de expedições pregressas que, embora menos conhecidas, foram igualmente determinantes para a construção da cartografia e da geopolítica da região (Porro, 1993; Ugarte 2009).

Essa expedição, composta por 185 homens, entre infantes e cavaleiros, alcançou, em 1538, a chamada "Província dos Maina", situada no baixo curso do rio Huallaga, na região do Alto Amazonas. No entanto, a insistência de Alonso Mercadillo em avançar por territórios inexplorados e repletos de adversidades gerou forte descontentamento entre os expedicionários. Diante dos riscos iminentes e da condução temerária da jornada, um grupo de dissidentes se amotinou, depôs e aprisionou o comandante, frustrando os planos originais da empreitada. Assim, a expedição não chegou a consolidar a conquista dos povos indígenas Chupacho e Iscaicinga, que figuravam como o objetivo central da missão (Ugarte, 2004).

Antes da eclosão do motim, Alonso Mercadillo havia destacado pequenas frentes de soldados para explorar rotas mais favoráveis. Um desses grupos, liderado por Diogo Nunes, seguiu pelo rio Marañón e alcançou a Província de Machifaro, situada na área que hoje corresponde à região entre os rios Tefé e Coari. No entanto, ao retornarem, encontraram a expedição desmantelada, com Mercadillo já deposto e enviado de volta ao Peru (Ugarte, p. 2004).

A narrativa de Diogo Nunes, conforme analisada por Auxiliomar Ugarte, revela a centralidade do manejo dos recursos naturais na lógica expansionista ibérica, evidenciando a

interseção entre exploração mineral, reorganização territorial e subjugação da população indígena. Ao destacar a proximidade entre o Brasil e as riquezas auríferas do Peru, Nunes sugere a viabilidade de uma rota terrestre estratégica que integraria as possessões portuguesas às minas supostamente "dez vezes mais ricas que as do Peru" (Ugarte, 2004, p. 39). Esse tipo de discurso, amplamente utilizado pelos conquistadores-cronistas, não apenas buscava persuadir a Coroa a financiar expedições, mas também refletia a mentalidade mercantilista da época, na qual a extração de metais preciosos era fundamental para a consolidação do poder imperial. Como observa Ugarte, a forma como Nunes relata sua experiência em Machifaro demonstra um pragmatismo característico dos exploradores, que, ao exagerar a abundância dos recursos locais, transformavam o território em um espaço de promessas econômicas voltadas à expansão colonial:

Chegamos a uma província após vinte e cinco dias de viagem e encontramos uma terra boa e bem habitada por índios, com riqueza de ouro, conforme vi que os índios traziam armas de ouro e braceletes nos braços [...] os mantimentos desta terra são principalmente milho e cacau, que servem como pão, e há grande quantidade disso. Neste rio, há muito peixe de todos os tipos, como na Espanha, e em cada povoado que chegamos, encontramos muitas casas cheias de peixe seco, que eles levam para vender pelo sertão, eles têm contratos com outros índios. Os caminhos são muito abertos e muito frequentados, pois muita gente passa por eles.

Há carnes de caça nesta terra: veados, antas, potros selvagens, patos e muitas outras. Tenho notícia de que até o rio da Prata, nesta mesma terra, havia ovelhas como as do Peru, o que é o melhor sinal que pode haver nestas partes, pois onde há ovelhas, há abundância de tudo mais. por este rio, pode-se provar esta terra, pois podem navegar por ele até onde se pode fundar uma vila que sirva de porto e escala para toda esta terra (Nunes, 1916, p. 375-377).

Nunes elabora uma concepção pragmática da fauna, enredando-a na teia de signos que denotam a prosperidade territorial e a viabilidade econômica da ocupação colonial. A menção à ictiofauna, comparada à da Espanha, transcende a mera observação descritiva para insinuar um juízo de valor pautado na familiaridade europeia, legitimando a exploração pesqueira já sistematizada pelos indígenas. A caça, representada por veados, antas, potros selvagens e patos, inscreve-se na lógica do aproveitamento utilitário, na qual a fauna nativa é reduzida a seu potencial de consumo e domesticação. A referência às "ovelhas como as do Peru" revela a impregnação de um imaginário mercantil, onde a presença de espécies economicamente valorizadas na esfera ibérica atesta, segundo seu prisma, a fertilidade e o auspício civilizatório da terra. Essa cosmovisão reifica os animais como índices de riqueza e ordenação produtiva, obliterando sua significância ontológica no contexto indígena e antecipando a conversão da natureza em ativo colonizável. Essas anotações tinham como objetivo promover uma proposta de conquista da "Província de Machifaro". No entanto, não se limitava à ocupação territorial, mas implicava a intensificação da exploração indígena por meio da militarização da região, da

captura de nativos e da imposição de tributos em bens naturais (Ugarte, 2004, p. 41). A sua solicitação está descrita nesta passagem:

[...] É necessário, para conquistar esta terra agora, quatrocentos homens: cem e vinte a cavalo e os outros a pé. Esta gente toda deve ser de Alentejo, Algarve e além, pois essa gente se dá bem naquelas partes [...] Preciso de cinco navios equipados com tudo o necessário, três barcaças e três caravelas para levar mantimentos, cavalos e gente aos navios que partirem daqui, pois para o rio, esses meios são mais necessários. [...] A munição que preciso é de cem arcabuzes, cinquenta bestas e duas dúzias de peças de artilharia de bronze: seis de dois quintais, seis de quatro quintais e as doze peças devem ser de seis a oito quintais. Além disso, quarenta quintais de pólvora. A ordem que os governadores têm no Peru e em todas as outras Índias de Castela, ao conquistar e repartir a terra [...] (Nunes, 1916, p. 377-378).

Seu pedido por navios, armas e um contingente de colonos indica uma compreensão estratégica do controle ambiental, em que os rios assumiriam papel central na logística da ocupação e no escoamento da produção mineral. Ugarte (2004) destaca que o uso dos cursos fluviais pelos europeus na Amazônia foi um elemento-chave da ocupação, permitindo não apenas o deslocamento de tropas e recursos, mas também a reconfiguração do espaço em função das demandas coloniais. Dessa maneira, a visão de Nunes se alinha à lógica ibérica de dominação, na qual a natureza era concebida como um recurso a ser domesticado e apropriado em benefício da metrópole.

Todavia, ao confrontar essa construção narrativa com as evidências arqueológicas, emerge um contraponto de notável relevância. Se, na correspondência, Nunes delinea a Amazônia como um território de riquezas inexploradas, os vestígios materiais revelam a existência de sociedades complexas que, há milênios, manipulam o ambiente amazônico com sofisticação ímpar. As investigações arqueológicas não apenas comprovam que a ocupação humana na região precede em milhares de anos a chegada dos europeus, como também evidenciam um vasto arcabouço de conhecimento ecológico, manifesto na engenharia de solos antrópicos, como a *Terra Preta arqueológica*<sup>7</sup> e na domesticação de espécies vegetais. A concepção de uma floresta virgem e passiva, passível de pronta apropriação pela colonização europeia, é cabalmente refutada pelas descobertas arqueológicas, que expõem intrincadas redes

---

<sup>7</sup> A terra preta arqueológica é um solo antrópico rico em carbono, resultante de atividades humanas antigas, como descarte de resíduos orgânicos, queima e cultivo. Caracteriza-se por sua alta fertilidade e pela presença de elementos como nitrogênio (N), fósforo (P), cálcio (Ca), magnésio (Mg), ferro (Fe), alumínio (Al) e zinco (Zn), além de níveis elevados de matéria orgânica. Estudos indicam que sua formação está ligada à intensa ocupação humana e práticas agrícolas sustentáveis na Amazônia, permitindo maior sequestro de carbono e melhor produtividade do solo. A análise de seus sedimentos ajuda a compreender a organização social, identidade e consumo das sociedades pré-coloniais (Schmidt, 2016, 2018).

comerciais indígenas, sofisticados sistemas de manejo hídrico e intervenções paisagísticas que desafiavam a visão eurocêntrica de uma natureza inalterada e primitiva (Magalhães, 2016, 2018).

Concluo este tópico retomando que *A Carta de Diogo Nunes* exemplifica como as primeiras incursões coloniais na Amazônia estiveram diretamente associadas à exploração territorial, ao manejo dos recursos naturais e à reorganização das sociedades indígenas. Seu relato enfatiza a busca de ouro, a fertilidade dos solos e a navegabilidade dos rios, elementos que reforçavam a visão europeia da região como um espaço de potencial econômico a ser apropriado e transformado. Além disso, a menção ao “comércio” indígena e às práticas produtivas locais demonstram que a Amazônia já possuía uma organização complexa antes da chegada dos colonizadores, o que contrasta com a posterior narrativa de vazio civilizacional utilizada para justificar a ocupação europeia. A projeção de um território pronto para a conquista revela não apenas o interesse em legitimar a expansão colonial, mas também os impactos das ações humanas sobre a paisagem e as populações nativas, desencadeando processos de degradação ambiental e desestruturação social que moldariam a história da região nos séculos seguintes.

### **Jornada de Canela (1541-1542): crônica de Gaspar de Carvajal**

Entre os episódios mais emblemáticos das primeiras navegações da hidrografia amazônica, destaca-se a expedição de Francisco de Orellana (1541-1542), que percorreu quase toda a extensão do rio Amazonas, registrando paisagens, populações indígenas e eventos que influenciariam a cartografia e a historiografia colonial. O relato de **Gaspar de Carvajal**<sup>8</sup>, frade dominicano que integrou a expedição, tornou-se uma das principais fontes sobre a jornada, descrevendo desde aspectos geográficos até o suposto confronto com **mulheres guerreiras**<sup>9</sup>, que resultou na atribuição do nome "Amazonas" ao grande rio. No entanto, a interpretação desse

---

<sup>8</sup> Uma das perspectivas mais influentes da arqueologia, de Betty Meggers, influente arqueóloga norte-americana do século XX, sustentava a tese de que a Amazônia era um “falso paraíso”, argumentando que suas limitações ecológicas impediam o desenvolvimento de sociedades complexas (Meggers, 1954, 1971). Sua interpretação, baseada na fragilidade dos solos tropicais, levou à descrença no relato de Carvajal sobre grandes populações amazônicas no período pré-colonial. No entanto, pesquisas mais recentes desafiaram essa perspectiva ao identificar evidências de ocupações humanas extensas e modificações ambientais significativas. Estudos em regiões como os Llanos de Mojos, na Bolívia, demonstram a existência de assentamentos densamente povoados e paisagens antropogênicas construídas em larga escala (Erickson, 1995, 2000; Roosevelt, 1991). Essas descobertas indicam que a Amazônia abrigou sociedades complexas capazes de transformar seu ambiente, refutando a visão determinista de Meggers e ampliando a compreensão sobre os processos históricos na região (Schmidt, 2018).

<sup>9</sup> As mulheres guerreiras amazonas, descritas na crônica de Gaspar de Carvajal, foram associadas às míticas amazonas da tradição greco-romana. Segundo o relato, os espanhóis teriam enfrentado um grupo de guerreiras indígenas em plena selva, episódio que levou à nomeação do rio Amazonas. Essa narrativa, embora questionada por historiadores, influenciou profundamente a cartografia e o imaginário europeu sobre a região, reforçando a ideia de um território exótico e indomável (Braga, 2025).

documento divide os estudiosos: enquanto alguns o tratam como um produto da imaginação europeia, outros ressaltam a necessidade de reavaliar sua historicidade dentro do contexto das expedições ibéricas. Assim, a análise da Jornada da Canela, expedição que originou a viagem de Orellana, torna-se essencial para compreender a complexa rede de representações que emergiram da conquista da fronteira oriental da América do Sul (Cruz Neto, 2014).

Expedição empreendida por Gonzalo Pizarro a partir de Quito em 1541, motivada pelas promessas de riquezas naturais e territórios férteis no leste dos Andes, representava uma nova tentativa de expansão espanhola rumo à desconhecida selva amazônica. A busca pela lendária *terra da Canela*, onde supostamente existiriam árvores de casca aromática semelhante à especiaria asiática, levou Pizarro e seus homens a enfrentarem condições extremas, incluindo fome, doenças e dificuldades de navegação. Diante da escassez de mantimentos, Orellana foi enviado com um pequeno grupo para encontrar provisões, mas acabou sendo levado pela correnteza do grande rio, separando-se definitivamente da expedição principal. Esse evento, posteriormente descrito como um ato de traição por Pizarro, marcou o início da navegação de Orellana pelo Amazonas e o registro detalhado da jornada por Gaspar de Carvajal (Cruz Neto, 2014, p. 122).

Com um grupo de quatro mil indígenas e vinte espanhóis, em busca das lendárias terras do *Eldorado* e do *Pais da Canela*. Durante a jornada, Francisco de Orellana juntou-se à expedição em um povoado às margens do rio Napo, a aproximadamente 130 léguas de Quito. No entanto, diante da frustração pela não localização do *Eldorado* e da decepção com *La Canela*, Pizarro foi deixado por Orellana, que seguiu viagem com cinquenta e sete homens, entre eles, Carvajal. E conforme dito na análise de Diogo Nunes, a descrição de Carvajal deve ser compreendida dentro da perspectiva do projeto colonial, que influenciou sua interpretação da realidade amazônica (Villanova, 2019).

É importante salientar que irei partir da tradução publicada em 1941, traduzida e comentada por Leitão-Melo. Desde os primórdios de sua expedição pelo rio Amazonas, Orellana e seus companheiros enfrentaram adversidades severas, sobretudo no que tange à luta incessante pela sobrevivência. A escassez de alimentos, já presente nos estágios iniciais da jornada, agravou-se progressivamente, impondo um cenário de extrema penúria. Os primeiros indícios da crise manifestaram-se quando a comitiva, originalmente composta por 57 homens, sucumbiu à fome, resultando na morte de muitos após exaurirem os suprimentos e recorrerem a medidas desesperadas. Privados de qualquer fonte alimentar convencional, viram-se

obrigados a consumir o couro fervido de seus próprios calçados e a ingerir raízes cuja toxicidade se revelou letal em diversos casos:

À falta de outros mantimentos, entretanto, chegámos a tal extremo que só comíamos couros, cintas e solas de sapatos cozidos com algumas ervas, de maneira que era tal a nossa fraqueza que não nos podíamos ter em pé. Uns de gatinhas, outros arrimados a bordões, meteram-se pelas montanhas em busca de raízes comestíveis, e houve alguns que comeram ervas desconhecidas, ficando às portas da morte (Carvajal, 1941, p. 19).

Nesse contexto, a decisão de descer o rio em busca de víveres foi tomada em um momento de extrema tensão, quando a insatisfação e o desalento começaram a corroer o espírito da expedição. A escassez de mantimentos tornava-se insustentável, e rumores sobre vastas áreas inabitadas intensificavam o desejo de retorno entre os membros do grupo. Diante desse cenário de incerteza e pressão crescente, Orellana e sua comitiva, apesar das adversidades, persistiram na esperança de encontrar um ponto seguro para reabastecimento, onde pudessem restaurar suas forças e dar continuidade à jornada.

Em 8 de janeiro de 1542, a expedição de Orellana foi tomada por expectativa e hesitação quando alguns companheiros relataram ter ouvido tambores ao longe. O som misterioso gerou um misto de esperança e dúvida, oscilando entre a possibilidade de resgate e o temor de uma ilusão. Embora céticos, os homens encontraram novo ânimo na mera chance de estarem próximos a terras habitadas. No entanto, com o passar dos dias sem qualquer sinal de povoação, a frustração se instaurou, e a dura realidade voltou a pesar. A fome e o desgaste físico agravaram-se, e o esgotamento atingiu até os mais resistentes, levando muitos a sucumbirem à exaustão ao longo da marcha (Carvajal, 1941, p. 20). É interessante contextualizar as dificuldades relacionadas a fome, para situar como futuras interações com os indígenas foram essenciais para a sobrevivência do grupo.

Após os eventos dos tambores, a equipe chegou a um povoado, os indígenas surpreendidos, refugiaram-se na floresta, mas, passado algum tempo, retornaram e foram recebidos pelo comandante, que, em vez de hostilidades, solicitou provisões para sua comitiva depois de tranquilizá-los. O cacique chegou e foi bem recebido pelos espanhóis, que lhe mostraram boa vontade, oferecendo-lhe presentes e vestuário, e os indígenas retribuíram com comida:

Logo mandou o Capitão que lhe dessem de vestir e outras coisas, com as quais ele muito se alegrou. Depois, ficou tão contente que disse ao Capitão que visse de que tinha necessidade, que ele lhe daria. Ao que o mesmo lhe respondeu que apenas o mandasse prover de comida, que de nada mais precisava. E logo o Cacique mandou que os seus índios trouxessem comida, e, com muita presteza, trouxeram

abundantemente o que foi necessário: carnes, perdizes, perus e pescados de muitas qualidades. Muito agradeceu o Capitão ao Cacique e lhe disse que fosse com Deus e que chamasse a todos os senhores daquelas terras, que eram treze, porque queria falar a todos juntos e dizer o motivo da sua vinda (Carvajal, 1941, p. 22)

Melo-Leitão comenta sobre essa passagem em uma nota de rodapé:

Não há, no Brasil, perus e perdizes. Certamente, o que o padre Carvajal tomava como tais aves seriam espécies de Tinamiformes (talvez o macucauá *Crypturellus undulatus*) para as perdizes e de Crácidas (provavelmente o mutum-assu *Crax globulosa*) para os perus (Carvajal, 1941, p. 22).

O diálogo estabelecido culminou na oferta de peixes, carnes e produtos agrícolas, evidenciando não apenas a hospitalidade indígena, mas também a notável eficiência dessas sociedades na gestão dos recursos naturais. A manutenção de estoques alimentares estratégicos revela um conhecimento ecológico e a capacidade de adaptação às oscilações sazonais do rio Amazonas, como os períodos de cheia e seca. Essa descrição sugere que as populações das várzeas e terras firmes amazônicas possuíam sofisticadas práticas agrícolas e de armazenamento, essenciais para garantir a sustentabilidade e a resiliência alimentar de suas comunidades (Silva; Silva, 2017, p. 2-3). Conforme a discussão proposta acerca das representações de Roger Chatier (1993), a equivocada identificação de espécies locais como perus<sup>10</sup> e perdizes, conforme assinalado por Melo-Leitão, ilustra de maneira paradigmática o processo de ressignificação, no qual os elementos amazônicos são reinterpretados e subsumidos a um arcabouço simbólico europeu. Dessa maneira, a narrativa não se limita à mera documentação do evento, mas opera como um mecanismo de tradução da realidade amazônica, moldando-a de forma a torná-la inteligível dentro do imaginário colonial. Tal construção discursiva não apenas legitimava a presença europeia na região, como também fundamentava a lógica expansionista que buscava impor suas categorias epistemológicas sobre os territórios e povos nativos.

Carvajal ressalta a habilidade dos indígenas na construção de canoas, evidenciando sua robustez e adaptação às adversidades do rio. Ainda neste povoado, os líderes demonstraram solidariedade ao fornecer grandes quantidades de mantimentos transportados em embarcações repletas de produtos agrícolas, carnes e peixes. Impressionado com essa engenharia, Orellana ordenou a fabricação de arrebites para a construção de um novo barco, essencial à continuidade da expedição. Sob sua ótica, Carvajal observou a vegetação; reflorestamento planejado ao redor das aldeias, onde cultivos estratégicos supriam demandas alimentares e tecnológicas. Estudos arqueológicos e etnográficos contemporâneos corroboram essa percepção, demonstrando a

---

<sup>10</sup> São aves naturais da América do Norte conhecidas na Europa desde 1511.

sofisticação das práticas indígenas de manejo ambiental e sustentabilidade na Amazônia (Silva; Silva, 2017, p. 3).

Em 2 de fevereiro, dia de Nossa Senhora da Candelária, a expedição de Orellana partiu da aldeia levando o máximo de mantimentos possível, preocupados tanto em não incomodar os nativos quanto em evitar o desperdício de alimentos, essenciais para a sobrevivência. No entanto, logo enfrentaram novos desafios: duas canoas se perderam, deixando onze homens desaparecidos por dois dias. O desânimo tomou conta do grupo, mas a intensa alegria do reencontro fez com que momentaneamente esquecessem as dificuldades. Após um breve descanso, Orellana decidiu seguir viagem e, ao avistar novas aldeias, optou por não se aproximar diretamente para evitar alarme. Em vez disso, enviou um mensageiro acompanhado de vinte homens para relatar a grave situação de fome e solicitar auxílio. Os nativos, receptivos, forneceram provisões em abundância, incluindo tartarugas e papagaios, evidenciando na narrativa uma seleção cultural<sup>11</sup> desses animais (Carvajal, 1941, p. 26).

Em outra aldeia é relatado outras contribuições:

Numa divisão que o rio fazia, bifurcando-se, subiram uns índios a ver-nos em quatro ou cinco canoas, carregadas de muita comida. Chegaram perto de onde estava o Capitão e pediram licença para aproximar-se, porque lhe queriam falar. E, quando se aproximaram, lhe disseram que eram principais e vassalos de Apária<sup>12</sup>. E vinham a seu mando trazer-nos de comer E começaram a tirar das suas canoas muitas perdizes, como as da nossa Espanha, porém maiores, e muitas tartarugas, do tamanho de adargas, e outros pescados (Carvajal, 1941, p. 28).

Destaca-se a menção ao porte avantajado das tartarugas e à denominação de determinadas aves como “perdizes”, evidenciando a ressignificação da fauna local sob a ótica europeia. Ademais, a expedição é surpreendida pela abundância de peixes oferecidos, o que ressalta a notável destreza dos indígenas na atividade pesqueira, em contraste com a ineficácia

---

<sup>11</sup> A interação entre seres humanos e ecossistemas desencadeia um fenômeno denominado “seleção cultural”, pelo qual populações, ao longo de gerações, escolhem e aperfeiçoam o uso de espécies vegetais e animais de interesse para alimentação, medicina e manejo ambiental. Esse processo ainda se manifesta atualmente, por meio de práticas tradicionais, como técnicas de caça e a produção de remédios caseiros a partir dos recursos florestais. Contudo, essa interação não ocorre sem impactos sobre a seleção natural, uma vez que a domesticação e o uso contínuo de certas espécies influenciam sua evolução. Paralelamente, os próprios conhecimentos e técnicas desenvolvidos por essas populações também foram moldados pelas espécies selecionadas ao longo do tempo, evidenciando a relação dinâmica e interdependente entre cultura e meio ambiente (Magalhães, 2018).

<sup>12</sup> Apária é mencionado como um “índio velho” que tinha conhecimento sobre as terras ao longo do rio e as riquezas que existiam na região. Ele forneceu informações sobre outro senhor indígena, conhecido como Ica, que possuía uma grande quantidade de ouro e estava localizado mais terra adentro, afastado do rio.

dos expedicionários europeus em obter tais recursos por conta própria. No tempo passaram no território foram presenteados:

E mandou tirar das canoas grande quantidade de comida, tanto tartarugas como manatis<sup>13</sup> e outros peixes, além de perdizes, gatos e monos assados (Carvajal, 1941, p. 30).

A aptidão para a caça de tartarugas e *manatis* evidencia um domínio dos ciclos de vida e dos padrões ecológicos dessas espécies por parte dos indígenas, refletindo um saber ancestral construído a partir da observação e da experiência acumulada ao longo de gerações. Assim, as técnicas empregadas na captura desses animais transcendem a mera subsistência, configurando-se como um elemento intrínseco à estrutura cultural do grupo, onde o manejo da fauna se articula a práticas sociais, rituais e formas de organização do espaço.

Os indígenas revelam um conhecimento sofisticado e aprofundado acerca da fauna e flora locais, fundamentado em práticas de manejo que asseguram a sustentabilidade de espécies, como as tartarugas. A construção de currais e a criteriosa seleção dos animais a serem capturados – com a preservação de fêmeas e filhotes em determinados períodos – denotam uma perspectiva de longo prazo voltada à conservação e ao equilíbrio ecológico. Tal abordagem contrasta com a concepção colonial do "indivíduo bárbaro", evidenciando, ao contrário, uma prática cultural intrinsecamente vinculada à preservação ambiental. A relação dos povos indígenas com a natureza é regida por uma compreensão da interdependência entre os seres humanos e o meio ambiente, distanciando-se do antropocentrismo característico das narrativas europeias. Inseridos em um sistema no qual suas ações são harmonizadas com os ritmos naturais, esses grupos desenvolvem uma abordagem antropogênica essencial para a resiliência dos ecossistemas amazônicos, cuja dinâmica se mantém pela regeneração e pela manutenção da biodiversidade (Moura Junior; Cidreira, 2024).

Em certo momento, alcançaram a terra de Paguana, caracterizada por sua população pacífica e abundante.

Havia nessa povoação uma casa de diversões, dentro da qual encontrámos muita louça dos mais variados feitios: havia talhas e cântaros enormes, de mais de vinte e cinco arrobas, e outras vasilhas pequenas, como pratos, escudelas e candeeiros, tudo da melhor louça que já se viu no mundo, porque a ela nem a de Málaga se iguala. É toda vidrada e esmaltada de todas as cores, tão vivas que espantam, apresentando, além

---

<sup>13</sup> O manati corresponde ao peixe-boi (*Trichechus inunguis*), um mamífero aquático de grande porte.

disso, desenhos e figuras tão compassadas, que naturalmente eles trabalham e desenhavam como o romano (Carvajal, 1941, p. 47).

Neste momento, torna-se evidente outra dimensão da sofisticação cultural indígena: a excepcional habilidade na produção de cerâmicas, a qual transcende o mero domínio técnico e revela um conhecimento profundo dos recursos naturais disponíveis. A ênfase na excelência da louça — distinguida pela vidragem minuciosa, esmaltação de tonalidades vibrantes e padrões ornamentais elaborados — indica a existência de uma tradição artesanal altamente refinada, na qual funcionalidade e estética se entrelaçam. O elevado grau de destreza no manuseio desses materiais não apenas denota avanços técnicos significativos, mas também reflete a integração de elementos simbólicos e culturais, conferindo às peças uma dimensão identitária que ultrapassa seu uso prático.

Em conclusão, a jornada de Orellana e seus homens pelo Amazonas revelou não apenas os desafios impostos pela travessia, mas também a complexidade das sociedades indígenas e seu avançado conhecimento sobre o manejo do território. O interesse inicial dos europeus por ouro e prata gradualmente cedeu lugar à necessidade premente por alimentos, demonstrando uma mudança na mentalidade do grupo diante da hostilidade do ambiente. A abundância de recursos observada nas vilas, desde artefatos de vidro e argila até armas, amuletos e ornamentos, reflete uma estrutura social altamente organizada, sustentada por práticas produtivas especializadas. Sem contar, na densidade populacional mencionada, talvez exagerada pelo cronista, mas ainda assim, a arqueologia fez um grande progresso em confirmar esse quesito (Magalhães, 2018).

A criação de animais, como as "ovelhas do Peru" — possivelmente lhamas ou alpacas —, bem como o cultivo de espécies agrícolas e o domínio da cerâmica, reforçam a ideia de que essas populações não apenas sobreviviam, mas prosperavam a partir de um manejo eficiente dos recursos naturais. Os europeus acabaram por depender em grande parte dos conhecimentos indígenas para garantir sua sobrevivência (Carvajal, 1941, p. 49).

Assim, a expedição de Orellana expõe a interação entre dois mundos distintos: de um lado, o projeto colonial europeu, voltado à exploração e conquista; de outro, sociedades indígenas detentoras de um saber acumulado ao longo de gerações, capaz de transformar o território sem exauri-lo. A Amazônia que os cronistas descreveram não era um espaço intocado ou selvagem, mas sim um ambiente moldado por práticas antrópicas e antropogênicas

sofisticadas, evidenciando que a relação entre humanos e natureza na região sempre foi pautada por adaptação, resiliência e transformação.

### **Jornada de Omagua e Dourado (1560-1561)**

Classifico essa jornada como a mais complexa entre o conjunto de relatos. De fato, ela foi acometida de inúmeras reviravoltas e formulada por diversos autores. A expedição de Pedro de Ursúa e Lope de Aguirre (1560-1561) inscreve-se no amplo escopo das ambições imperiais espanholas de desbravar e submeter a vastidão amazônica, motivada tanto pela voraz busca por riquezas inestimáveis quanto pelo imperativo de expansão territorial. Sob a égide do Vice-Rei do Peru, Marquês de Cañete, a jornada foi meticulosamente concebida, cabendo a Ursúa o título de governador da empresa. O objetivo primordial consistia na localização das míticas terras de *Omagua* e *Eldorado*, que, segundo as especulações da época, ocultavam fabulosos tesouros e civilizações opulentas. O planejamento revelou-se intrincado e exaustivo. Ursúa arregimentou aproximadamente 370 soldados, respaldados por uma frota composta de bergantins<sup>14</sup>, canoas e extensivos suprimentos. Além disso, agregaram-se à expedição mais de 500 indígenas, possivelmente compelidos à força, cuja participação era crucial para a navegação e a subsistência do contingente. Somente em setembro de 1560, após prolongados preparativos, a tropa partiu rumo ao insondável labirinto verde que se erguia à sua frente (Porro, 1993, Ugarte, 2004, Pizarro, 2012).

A estratégia delineada previa a navegação pelos rios Huallaga e Marañón, de modo a alcançar a foz do Napo, seguindo, em parte, a trilha traçada por Francisco de Orellana dezoito anos antes. Tal escolha denota não apenas o intento de consolidar os domínios espanhóis na região, mas também a reiterada convicção na existência de cidades fabulosas e sociedades sofisticadas. No entanto, assim como tantas outras investidas, a expedição de Ursúa logo se veria assolada pelos implacáveis desafios da selva, pela exauriente escassez de mantimentos e, sobretudo, pelas dissensões internas, cujas repercussões culminariam em sua trágica e inexorável derrocada (Porro, 1993).

A expedição de Pedro de Ursúa à Amazônia, inicialmente concebida como um empreendimento de conquista e exploração, rapidamente foi abalada por dissensões internas. Muitos dos espanhóis e mestiços que a integravam buscavam riquezas e prestígio no Peru, não

---

<sup>14</sup> O bergantim, embarcação leve e versátil movida a remos e velas.

em terras inóspitas. O descontentamento cresceu com o histórico de fracassos de expedições anteriores e a falta de confiança na liderança de Ursúa. Nesse cenário instável, Lope de Aguirre emergiu como líder da conspiração, manipulando Fernando de Guzmán, alferes de Ursúa, com promessas de poder. Ursúa não reagiu a tempo e, no final de 1561, foi assassinado com seus principais aliados. O controle da expedição passou para Guzmán, Salduendo e Aguirre, marcando uma virada na jornada. Divididos entre continuar a busca por Omagua e Eldorado ou retornar ao Peru para conquistá-lo, os rebeldes acabaram sob a liderança de Aguirre. Ele proclamou Fernando de Guzmán como "Príncipe da Terra Firme e Peru, e Governador do Chile", rompendo com a monarquia espanhola. Assim, a expedição deixou de ser uma missão colonial para tornar-se um levante contra Felipe II, precipitando sua própria ruína (Ugarte, 2004, p. 57).

Quase todos os expedicionários que recusaram aderir ao separatismo de Lope de Aguirre foram assassinados. Mesmo após consolidar seu poder, novas execuções ocorreram, incluindo a de Lorenzo Salduendo e, depois, de Fernando de Guzmán, que tentou retomar o controle da expedição. Com sua morte, Aguirre tornou-se líder absoluto, manipulando a ambição dos soldados por riquezas. Livre de opositores, abandonou a busca por Omagua e El Dorado, focando na conquista do Peru. Contudo, sua brutalidade minou a confiança de seus seguidores, levando-o a impor um regime de terror. Em julho de 1561, a expedição chegou à Ilha de Margarita, onde saqueou vilas e executou opositores. Ao desembarcar na Venezuela, pretendia avançar até Valência, mas foi derrotado em outubro de 1561. Os sobreviventes foram executados ou presos e levados a Lima, onde seus depoimentos alimentaram as crônicas de Francisco Vázquez e Pedrarias de Alместo. O nome de Lope de Aguirre tornou-se sinônimo de rebeldia extrema, marcando a história colonial como um dos mais infames traidores da Espanha.

Os principais cronistas responsáveis por documentar a expedição foram Francisco Vázquez, Altamirano, Zúñiga e Monguia, cujos relatos oferecem perspectivas distintas sobre os eventos que marcaram a jornada. A crônica analisada neste trabalho é a de Francisco Vázquez, que se destaca como a fonte mais extensa e relevante, sendo um observador privilegiado que, embora não tenha aderido à insurreição liderada por Lope de Aguirre, também não foi alvo direto de represálias (Porro, 1993, p. 82).

Agora que o contexto da expedição foi abordado, iniciaremos o mapeamento do texto. A crônica de Vázquez, em sua maior parte, foca nos conflitos que se sucederam desde o início da jornada. No entanto, podemos há uma grande riqueza a ser explorada diante da proposta desse trabalho.

Ainda na liderança de Pedro de Ursúa, podemos observar:

Chamamos esta ilha de Ilha de *García*, porque nela encontramos *García de Arce*. Está a mais de cem léguas da foz de *Cocama*, perto do rio que supomos ser o Canela. Havia nela dois povoados, cada um com mais de trinta casas. Os indígenas desta ilha eram bem constituídos e dispostos; vestiam camisas de tecido bordado. As casas eram grandes e quadradas; suas armas consistiam em varas com pontas de palmeira, do tamanho dos dardos de *Vizcaya*, que lançavam com um tipo de propulsor de madeira, comum na maior parte das Índias, chamado *estólica* [...] A alimentação desses indígenas consistia em um pouco de milho, muita mandioca doce e batatas. Produziam *macato*, que era mandioca ralada, enterrada para fermentar e, a partir dela, faziam pão e uma bebida. Todas as suas trocas comerciais e deslocamentos ocorriam pelo rio, em canoas (Orsúa, 1881, p. 20).

A disposição estrutural das aldeias, caracterizada por habitações amplas e geometricamente ordenadas, denota um planejamento espacial intrinsecamente vinculado a uma dinâmica de planejamentos dentro daquele ambiente, enquanto a confecção de tecidos bordados indica um desenvolvimento técnico na produção material. A prática agrícola, alicerçada no cultivo e processamento da mandioca e do milho, revela um domínio sobre técnicas de domesticação vegetal e transformação alimentar, como atesta a produção do *macato* por meio de fermentação controlada. A utilização de embarcações para a circulação de bens e indivíduos pelo curso fluvial sublinha a complexa articulação entre os sistemas de subsistência e a geografia hidrográfica, manifestando uma interação antropogênica que reconfigura a paisagem e os fluxos territoriais.

Ainda nesta mesma ilha:

Encontrou muitas outras ilhas e povoados sem habitantes, pois, temendo o dito *García de Arce* e a armada, os moradores haviam fugido, restando apenas as plantações de mandioca e batata-doce, enquanto todo o restante fora abandonado. Foram encontradas algumas galinhas e galos brancos de Castela, além de algumas araras e papagaios brancos. Encontramos um povoado, o primeiro avistado na terra firme à direita, onde começamos a ver alguns indígenas remando em canoas pelo rio. Eles nos observavam de longe, com discrição. Neste povoado, veio ao nosso encontro um cacique de paz, acompanhado de alguns indígenas. Trouxeram peixes e tartarugas, e o governador, em retribuição, deu-lhes algumas *chaquiras* e facas [...] Depois, o cacique partiu, e em seguida vieram outros indígenas, também trazendo peixes e tartarugas (Orsúa, 1881, p. 21. Tradução: acervo pessoal).

A passagem pode ser analisada sob a ótica das pesquisas de William Balée (1994), que argumenta que grande parte da paisagem amazônica foi modificada e manejada por sociedades indígenas ao longo do tempo. Por exemplo, ele descreve como os Ka'apor manejavam espécies vegetais para atender às suas necessidades alimentares, medicinais e materiais, evidenciando um conhecimento ecológico sofisticado que contribuiu para a biodiversidade atual da floresta. O abandono dos povoados, com a permanência das plantações de mandioca e batata-doce, sugere uma ocupação sistemática da terra, condizente com a ideia de que os indígenas não

apenas exploravam os recursos naturais, mas os transformavam ativamente, criando ecossistemas antropogênicos.

Seguiram descendo o rio, chegando a outra localidade:

Os indígenas desta província trazem algumas joias de ouro fino, embora pequenas, como brincos e piercings no nariz e nas orelhas. A população dessas províncias não é grande, segundo boas estimativas. Nas aldeias que vimos, poderia haver sete ou oito mil habitantes indígenas e, no máximo, dez mil. Isso, pelo que parece, é apenas o que se observa das margens do rio, pois mal podíamos ver o que havia no interior da terra, já que chegávamos de noite e partíamos ao amanhecer, sem ter tempo para explorar. Nesta província há muitas frutas da terra, saborosas, além de muitos mosquitos de diversos tipos (Orsúa, 1881, p. 24. Tradução: acervo pessoal).

Do mesmo modo que observado nas outras crônicas, há um certo capricho para destacar o ouro presente no território. Contudo, não havia necessariamente a presença de ouro por extração, talvez, podemos pensar aqui, contatos prévios com exploradores europeus que poderiam ter garantido pequenas quantidades de ouro. O que sabemos hoje, graças as pesquisas arqueológicas é que essa presença de ouro descrita tratasse de uma estratégia de legitimidade de exploração, e não condiz com a realidade. Enquanto a estimativa populacional limitada às margens do rio indica uma visão parcial da ocupação indígena, subestimando a densidade demográfica no interior da região. A menção à abundância de frutas reforça a riqueza ecológica da província e aponta para um possível manejo dessas espécies.

Em outra passagem, Várquez comenta a respeito dos tanques de tartaruga:

Neste povoado, havia, segundo nossa estimativa, mais de seis mil tartarugas grandes, que os indígenas criavam para alimentação. Elas estavam presas em lagoas artificiais, cercadas com troncos grossos para que não escapassem (Orsúa, 1881, p. 26. Tradução: acervo pessoal).

Essa estratégia, como já observado anteriormente, de conservação ativa contrasta com a ideia de um uso predatório da natureza, demonstrando que os povos indígenas amazônicos estruturam suas práticas econômicas com base na renovação dos recursos (Moura; Cidreira, 2024).

Nesse sentido, finalizo retomando que a expedição de Pedro de Ursúa e Lope de Aguirre evidencia as tensões entre os objetivos expansionistas da monarquia espanhola e as adversidades impostas pela geografia amazônica, contando com os conflitos internos que levaram ao seu fracasso. Inicialmente planejada para localizar as lendárias terras de Omagua e Eldorado, a jornada rapidamente se tornou um cenário de disputas políticas e traições, culminando no assassinato de Ursúa e na ascensão de Aguirre, cuja liderança transformou a

missão de exploração em um levante separatista contra Felipe II. Além da dimensão política, os registros cronísticos analisados oferecem insights sobre a estruturação das sociedades indígenas da época, demonstrando a existência de aldeias bem planejadas, técnicas agrícolas sofisticadas, como o manejo da mandioca e a criação de tartarugas em tanques. Esses sujeitos são capazes de modificar o ambiente em larga escala por meio de práticas como o cultivo planejado, a criação de sistemas de aquicultura, como os tanques de tartarugas mencionados nas crônicas. Essas descobertas desmontam a visão eurocêntrica de uma floresta intocada e selvagem, evidenciando a presença de redes complexas de ocupação humana muito antes da chegada dos espanhóis. Dessa maneira, não apenas evidencia os percalços inerentes às investidas coloniais, mas também sublinha o protagonismo dos povos indígenas na tessitura histórica da região, cujas dinâmicas socioculturais e sistemas de conhecimento moldaram as interações com os europeus, revelando a Amazônia como um espaço rico de saberes, adaptações e ressignificações contínuas.

## **Conclusão**

Para concluir minhas ideias, retorno ao título empregado no trabalho: "Entre Rio e Terra". Busquei compreender a complexidade das expedições narradas nas crônicas de Diogo Nunes, Gaspar de Carvajal e Francisco Vázquez, onde os elementos naturais não são meros cenários, mas protagonistas das relações entre colonizadores e povos indígenas. O rio, com sua fluidez, simboliza tanto a promessa de novos horizontes quanto os desafios constantes da jornada, marcando a tensão entre o desconhecido e o domínio. Por sua vez, a terra não representa apenas a materialidade do território a ser conquistado, mas também o espaço de confronto cultural, onde os interesses coloniais e indígenas se entrelaçam e se opõem. As crônicas desses exploradores revelam um processo de transformação que ultrapassa a geografia física, dando visibilidade às mudanças antropogênicas provocadas pelo contato entre os dois mundos. As narrativas de Nunes, Carvajal e Vázquez, ao descreverem suas viagens, revelam a dinâmica de resistência e adaptação que define o encontro entre as culturas indígenas e o projeto colonial.

Os povos indígenas foram agentes fundamentais na conformação da Amazônia, não apenas resistindo às incursões europeias, mas também moldando ativamente o ambiente por meio de suas práticas culturais, econômicas e ecológicas. Seu conhecimento sobre o território

e sua capacidade de adaptação foram determinantes para a configuração da paisagem amazônica como a conhecemos hoje.

As fontes documentais demonstram que os povos indígenas amazônicos já possuíam um conhecimento sobre a gestão dos recursos naturais, contrariando a visão de uma região intocada e selvagem. A criação de animais, o cultivo planejado de alimentos e as estratégias de manejo ambiental são evidências de que a Amazônia era, desde antes da chegada dos europeus, um espaço transformado por ações antrópicas.

Portanto, a análise dessas crônicas permite desconstruir mitos sobre a Amazônia como um espaço intocado e desabitado, reafirmando sua historicidade e a complexidade das interações entre sociedades indígenas e colonizadores. Ao compreender as representações europeias sobre a região e confrontá-las com evidências arqueológicas e etno-históricas, este estudo contribui para uma leitura mais crítica da história da Amazônia e da relação entre sociedade e meio ambiente ao longo dos séculos.

## Referências

BALÉE, William. Cultural forests of the Amazon: a historical ecology of people and their landscapes. University of Alabama Press, 2013.

BALÉE, William. *Footprints of the Forest: Ka'apor Ethnobotany – The Historical Ecology of Plant Utilization by an Amazonian People*. New York: Columbia University Press, 1994.

BRAGA, Yasmin Santos. A representação cartográfica das Amazonas nos mapas europeus dos séculos XVI a XVIII. Belém, publicado em: História Digital na Panamazônia, 2025.

CARVAJAL, Gaspar. Descobrimento do rio de Orellana. Tradução e anotação de C. de Mello-Leitão. São Paulo: Editora Nacional, 1941.

CERTEAU, Michel de. A escrita da história. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. Paris, École des Hautes en Sciences Sociales, 1981.

DESCOLA, Philippe. A selvageria culta. In: NOVAES, Aduato (Org.). A outra margem do ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ERICKSON, C. Archaeological Methods for the Study of Ancient Landscapes of the Llanos de Mojós in the Bolivian Amazon. In: STAHL, P. W. (Ed.). *Archeology in the Lowland American Tropics: Current analytical methods and applications*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

ERICKSON, C. The Lake Titicaca Basin: A Pre-Columbian Built Landscape. In: LENTZ, D. L. (Ed.). *Imperfect Balance: Landscape Transformations in the Pre-Columbian Americas*. New York: Columbia University Press, 2000.

MAGALHÃES, Marcos Pereira. A humanidade e a Amazônia. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2018.

MAGALHÃES, Marcos Pereira. Amazônia antropogênica. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2016.

MEGGERS, B. J. Amazonia: Man and Culture in a Counterfeit Paradise. Washington: Smithsonian Institution Press, 1971.

MEGGERS, B. J. Environmental Limitation on the Development of Culture. *American Anthropologist*, v. 56, p. 801-824, 1954.

MOURA JÚNIOR, Ezir Leite de; CIDREIRA, Jefferson Henrique. Visões coloniais: consumo, manejo e cultura alimentar de tartarugas na obra descobrimentos do rio das Amazonas. *Jamaxi, periódicos da UFAC*, 2024.

NETO, Raimundo Marques da Cruz. Em busca das províncias grandiosas: As entradas espanholas quinhentistas na fronteira oriental dos Andes Centrais (1538-1561). São Paulo. Dissertação do Programa de pós-graduação em História Social da Universidade de São Paulo (USP), 2014.

NUNES, Diogo. Carta de Diogo Nunes. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, 1916.

ORSÚA, Pedro de. Relacion de todo lo succdío em la jornada de Omagua y Dorado. Madrid, Publicado em: La Sociedad de Biclifilos Españoles, 1881.

PARDINI, P. Amazônia indígena: a floresta como sujeito. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, 2020.

PIZARRO, Ana. Amazônia – As vozes do rio. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2012.

PORRO, Antonio. As crônicas do Rio Amazonas. Petrópolis, Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1992.

RABELO, Lucas Montalvão. A Invenção do Rio Amazonas na Cartografia (1540-1560). Terra Brasilis Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Histórica, 2020.

ROOSEVELT, A. C. Moundbuilders of the Amazon: Geophysical Archaeology on Marajó Island, Brazil. San Diego: Academic Press, 1991.

SCHMIDT, Jason Morgan. Estudos de sedimentos de Solos antrópicos na Serra de Carajás. Belém, In: A humanidade e a Amazônia, Museu Paraense Emílio Goeldi, 2018.

SCHMIDT, Jason Morgan. Formação da terra preta: Análise de Sedimentos e Solos no contexto arqueológico. Belém, in: Amazônia Antropogênica, Museu Paraense Emílio Goeldi, 2016.

SILVA, Carlos Augusto da; SILVA, Luciano de Souza. A história das sociedades humanas: interação na área da zona leste de Manaus, Brasil, antes da viagem de Francisco de Orellana. ContraCorrente: Revista do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, 2017.

UGARTE, Auxiliomar Silva. O mundo natural e as sociedades indígenas da Amazônia na visão dos cronistas ibéricos (Séculos XVI-XVII). São Paulo, Tese apresentada ao programa de pós-graduação em História Social da Universidade de São Paulo (USP), 2004.

VIEIRA, Daniel Souza de Leão. Paisagem e imaginário: contribuições para uma história cultural do olhar. Recife: Fenix – Revista de História e Estudos Culturais. 2006.

VILLANOVA, Simone. Nas curvas do tempo: história e historiografia na Amazônia em debate. Cap: representações da Amazônia na visão de Gaspar de Carvajal e Samuel Fritz. Manaus, editora UEA, 2019.